

O PONTO

Estamos diante de um papel em branco.

Esse fato provoca.

Provoca porque é um infinito de silêncio e equilíbrio,
mas que não foi conquistado por mim.
Existe sem a minha participação.
É impessoal

E ninguém descobre nada se não erra.

Ter a experiência do erro, do lado do avesso,
É conhecer o lado direito fundamentado.
O erro e o acerto têm a mesma importância.
Um não existe sem o outro.
E os dois tecem o mesmo tecido.
Constróem o mesmo ser.

Então, não ter medo de erro
e enfrentar aquele papel em branco, tão impecável,
é fundamentalmente importante, se desejo conhecer,
e participar e inventar.
Ser livre bastante para organizar de acordo com a minha vontade,
e sensibilidade aquele espaço em branco.

É descobrir e descobrir-se.
É ser original buscando a origem.
É imprimir a minha impressão digital onde não existe ainda
É o que fundamenta a alegria de criar.

Então tocar aquele papel em branco
com lápis, um pincel, um confete,
e sem medo, é o primeiro passo.

Fazer um ponto nessa superfície
é começar a pensar no espaço,
com o espaço, sobre o espaço.

Esse ponto inicial não tem nada a ver com o ponto final.
Muito pelo contrário.
E muito menos com a geometria.

Esse ponto é o resultado de um movimento sensível
que alcança aquela superfície.
É quando se inicia um novo diálogo.
É necessário que haja uma relação sensível proporcional,
entre o movimento que conquista o espaço
— o ponto — e a forma do papel onde esse ponto vai viver.
E se o primeiro ponto não consegue,
outro ponto se faz necessário,
e mais outro, até que os pontos e o espaço em branco
se descubram em harmonia.
Como era antes.
Antes do primeiro ponto.

Mas, agora, com a minha participação.
Consciente ou inconscientemente.
Inventando novas constelações, se imagino estrelas.
Criando novo ritmo
Ritmo de tambores
se imagino ler os pontos como notas musicais.
Mas,
sempre atento que a integridade do espaço
é o mais importante.
É a conquista final.

Parece um brinquedo tolo e inútil.
Mas não devemos esquecer
que um novo caminho sempre se inicia pelo mais simples.
É que a comunicação
tem a liberdade como fundamento
e a comunhão como consequência.

Pois só o ato livre tem força de convocação
e funda o convívio em sentido universal.

Estado de Minas, 29 nov. 1979